

O CARISMA FRANCISCANO E A LAUDATO SI'

Frei Aldir Crocoli, OFM*

Entre as várias dimensões do carisma franciscano relacionadas à *Laudato Si'* do papa Francisco, nos referiremos tão somente à fraternidade, por tocar num dos pontos nevrálgicos quer do carisma quer da Encíclica. Lembraremos aqui o contexto do nascimento desta nota do carisma, algo do seu conteúdo programático, sua ausência no sistema de vida atual denunciada pela carta do papa e a urgência de resgatar a fraternidade cósmica, inclusive para a salvação do planeta terra.

1. Do sonho de grandeza à grandeza de um sonho: a fraternidade

Um carisma não cai do firmamento qual meteoro, aleatoriamente. Totalmente ao contrário. O carisma é sempre um dom de Deus que o faz brotar do chão da vida, como fruto de uma fermentação interna, de uma confluência de fatores. Neste sentido, todo o carisma é sempre resposta a um contexto preciso de realidade. É uma luz, uma estrela que Deus acende no universo para apontar caminhos a todos. Daí a natureza sempre comunitário-ecclesial de qualquer autêntico carisma. O carisma franciscano também foi uma estrela acesa por Deus nas

* Frade capuchinho. cursou mestrado em Espiritualidade Franciscana em Roma e fez doutorado em Teologia Sistemática no Rio de Janeiro. Foi professor e diretor da Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana de Porto Alegre. Atualmente é missionário no Haiti, como Delegado Provincial. Tem várias publicações e artigos em revistas, na área da Espiritualidade Franciscana.

peças de Francisco e de Clara de Assis que juntos enriqueceram os detalhes da fisionomia de todo o ser humano, como memória do projeto original. Neles Deus apon- tou para o projeto de ser humano criado para a fraternidade, a con- vivialidade no dizer de Ivan Illich.

Francisco, ao falar de sua con- versão, relatou que depois do en- contro transformador com os le- prosos ele “saiu do século” (Test 3). Essa expressão é portadora de profunda significação. Não foi fuga da sociedade, (*fuga mundi*) como se poderia entender. Fran- cisco não se retirou para o deser- to, longe do convívio humano. O seu *sair do século* foi a passagem da cidade de Assis onde imperava a mentalidade da busca de gran- dezias socioeconômicas (o sonho de grandeza) para a periferia das periferias (junto aos leprosos) onde ele “descobriu” que a vida vale pela relação fraterna, pela relação de iguais, expresso no serviço recíproco e onde a vida é sempre o maior dom, ainda que esteja num corpo putrefato como é o do leproso.

Ali aprendeu que a vida apon- ta para outros valores diame- tralmente opostos daqueles dos

sonhos de grandeza que ele ali- mentava. Estes sonhos têm ne- cessariamente como método o desconhecimento do outro, a prepotência avassaladora, a vio- lência que elimina tudo o que se interpõe na consecução dos objetivos pretendidos. No “fazer misericórdia” aos leprosos (Test 2) (*miseri-cor-dia* = dar o cora- ção ao miserável) gratuitamente, como mãe a cuidar de seu filho, Francisco descobriu o “universo da fraternidade”, aquele que eli- mina a sobreposição dos estratos sociais e gera a horizontalidade benfazeja, a “*távola rotonda*” no uso do poder, a mesa aberta a to- dos. Junto a esses seres humanos - “gente comum e desprezada” (Regra não Bulada 9,2) brilhou um novo sol: o sol da fraternidade, o sol da igualdade, o sol da minori- dade no serviço recíproco, o sol do serviço desinteressado a tudo o que é menor. Essa estrela Deus acendeu para iluminar a humani- dade a partir de Francisco e Clara de Assis. Essa luz leva à verdadeira grandeza, aponta para a “grandeza do sonho de um mundo fraterno” e, conseqüentemente, um mundo de iguais, de justiça, de paz, de ale- gria, de misericórdia, inclusive para as demais criaturas, não somente para os seres humanos.

2. Tornar-se “irmão menor”, um programa de vida

A Compilação de Assis (CA 101), uma das fontes mais importantes do final do século XIII, conta que, depois de seis a sete anos de convivência com os irmãos que o Senhor lhe dera (provenientes de todos os estratos sociais), Francisco entendeu que eles deveriam se chamar de irmãos menores. Ou melhor, confessou que Deus lhe “revelara” esse nome. Já haviam passado por dois nomes: o de penitentes de Assis (insuficiente para expressar sua identidade) e o de pobres menores (podia aninhar o orgulho de seres os mais pobres).

A Idade Média era uma sociedade altamente estratificada. Todo o mundo estava acima de alguém, e, ao mesmo tempo, sob o comando de outro, seu superior. Os espaços sociais eram claramente definidos e defendidos. O rei e o papa rivalizavam no poder, acabando o papa por ocupar o posto mais alto e o direito de coroar os demais reis, por ser o representante de Cristo na terra. O poder era o fator determinante das relações. No entanto, o poder oficializa a divisão e a submissão, gera inferioridade,

revolta e, por incrível que pareça, luta pela conquista de poder. O ano de prisão em Perúgia como derrotado de guerra, a doença da malária que, dia mais dia menos o levaria à morte, e a convivência com os “mortos-vivos” (leprosos) lhe mostraram com clareza que o sonho de grandezas é o vírus nefasto que arruína a toda a convivência e a esperança de “outro mundo possível”.

Ser irmão menor implica, em primeiro lugar, ver a si mesmo como igual a todo o mundo e, ao mesmo tempo, ver o mundo todo como igual a si próprio, porque acima de todos e de tudo está Aquele que nos criou. Viver, portanto, a fraternidade é renunciar à autorreferencialidade no dizer do papa Francisco ou, com as palavras de Pietro Maranesi, sair do autocentramento. Não sou e não quero ser o mais importante. Quero, antes, estar ao serviço de todos, sobretudo dos que mais precisam, dos mais frágeis. Somente nesta postura os outros e toda a realidade se tornam reais alteridades, não são prolongamento meu, nem estão aí a meu bel-prazer. Somente assim perco o direito de sugá-los quanto posso e depois descartá-los. Aqui os outros são sujeitos de sua história,

têm autonomia própria e seus valores não sou eu quem os atribui a partir da utilidade que representam para mim. Trata-se então de aprender a viver entre iguais, como alteridades, como irmãos. A modalidade concreta de viabilizar este modo de ser é o serviço recíproco e o estar-com, e não o poder e o sobrepor-se, o estar-sobre. Mesmo aqueles que têm responsabilidade pelos demais não se chamarão “prior” ou superior ou “abade”, e sim “ministro e servo”, escreverá Francisco. E mais ainda: essa responsabilidade pelos demais deve ser considerada como se fosse o ofício de lavar os pés (RnB 6, 1-2), quer dizer como o mais humilde dos serviços.

Este sentir-se entre um mundo de iguais, inclusive em relação a todas as demais criaturas do universo, e a seu serviço é o nascedouro de um novo jeito de ser (novo *ethos*). Eis a razão pela qual Francisco de Assis pedia para reservar um canteiro da horta para as ervas daninhas (elas têm direito a viver); a cortar a árvore após o primeiro galho para que pudesse rebrotar; a retirar uma minhoca do caminho para que não fosse pisada; a levar vinho com açúcar para as abelhas no inverno já que não encontram flores; a liber-

tar uma lebre presa no alçapão porque ela louva a Deus sendo o que é; a comprar uma ovelha que seria vendida no mercado e dá-la a alguém para cuidar porque sua vida é preciosa, etc. E não só: também a louvar a Deus pelo “senhor irmão sol, pela irmã lua e estrelas, pelo irmão vento, água, fogo, terra”. Todos estes seres são preciosos, estão carregados da bondade divina, são uma “escada para chegar a Deus” (Boaventura). Este vislumbrar-se diante da criação não é atitude de alguém que reconhece a presença de Deus em cada coisa, sem nunca identificá-la plenamente com Ele. Tudo lhe falava de Deus, disse seu primeiro biógrafo, Tomás de Celano. Francisco sentia-se diante de e, ao mesmo tempo, envolto por um mistério da bondade divina.

3. O poder-serviço e não “a serviço do poder”

A *Laudato Si'* coloca Francisco de Assis como referência exemplar do “cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral” (nº 10). Ao contrário de nossa civilização ocidental, ele compreendia o mundo desde outro ponto de vista. Francisco não desenvolveu a racionalidade hegemônica do *Logos*, a racionalidade dos gregos

(a partir de Sócrates) que, segundo L. Boff, se visibilizou concretamente no projeto da burguesia medieval. Esta é fria e calculista. Considera o mundo uma máquina, cujas peças são simples instrumento a serviço de quem as utiliza. Seu método é empírico, experimental, não há espaço para a racionalidade do coração. Por isso, na racionalidade do *Logos* a prepotência, a violência, a opressão, o desrespeito e o desprezo podem ser suas expressões normais e ordinárias.

Ao contrário, Francisco desenvolveu, pela graça de Deus, a racionalidade do *Eros* e a do *Pathos*, do coração, da sensibilidade e dos sentimentos. Estes se norteiam pela simpatia (sentir e sofrer junto) e pela empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro), que aproximam, levam a compreender o outro, geram o respeito e relações de justiça para com tudo e todos. Essa racionalidade do coração levou Francisco a recuperar a “inocência original”, quer dizer, um modo de ser inofensivo ao que quer que seja. (Etimologicamente, *in-nocente* significa não ofensivo). Entre as tantas consequências desta racionalidade do poder que a *Laudato Si'* denuncia estão a perda crescente da biodiversi-

dade, a deterioração da qualidade de vida e degradação social, a poluição da terra, da água e do ar com o conseqüente aquecimento do planeta, a destruição de culturas (a perda de uma cultura é mais grave que a perda de uma espécie animal ou vegetal - nº 145), o desvirtuamento da economia e da política, a distorção nas relações comerciais e de propriedade (o progresso dos países ricos é gerado à custa do presente e do futuro dos países pobres (nº 52), a cultura do descarte, (o mundo dos pobres tende a ser um grande lixão), etc. E ainda sentencia: “Nunca maltratamos e ferimos nossa casa comum como nos últimos dois séculos” (nº 53). Por isso o sistema mundial atual é insustentável, conclui o papa (nº 61). Por que? Porque a racionalidade instrumental do paradigma tecnocrata deu a alguns homens um “poder tremendo”, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro” (nº 104). Nesta civilização o ser humano se sente “sobre” as demais criaturas, como seu proprietário como possibilidade de dispor a seu bel-prazer. Nossa civilização está sentada sobre o poder, reconhece o papa. Ela está no lado oposto ao de Francisco e Clara que, sentindo-se “entre”

irmãos e irmãs, reconhecem e favorecem a autonomia de toda criatura, pela renúncia a qualquer forma de apropriação, condição para a fraternidade.

4. A fraternidade menor como antídoto à cultura atual

O carisma da Fraternidade (Menor), enquanto maneira inclusiva de viver, se apresenta como real alternativa ao modo de ser proposto pela cultura da opressão, da violência, do poder e do descarte que impera no mundo atual. Ao invés do “poder sobre” os outros seres, a fraternidade propõe o “estar-com”, o estar-entre, a serviço, próprio de quem cuida de todo o outro qual mãe a seu filho. Ao invés do autocentramento, a defesa e a promoção do outro, a começar pelo mais frágil. Ao invés da apropriação e do domínio, o cuidado da sustentação, o amar e nutrir o outro. Ao “sistema estruturalmente perverso do comércio e da propriedade” (nº 52), a beleza do sonho da grande fraternida-

de planetária, onde a apropriação não viceja em hipótese alguma. Ao invés da autorreferencialidade como critério de ação, o cuidado do bem comum, da casa comum, acima de tudo.

Todas as criaturas do cosmos formamos uma grande e única família (nº 52), uma fraternidade de seres diversos, mas fundamentalmente iguais. A *Laudato Si'* de fato coloca a Francisco e seu carisma de fraternidade (menor) como modelo de relacionamento com tudo aquilo que pertence à nossa casa comum. Oxalá, inspirada no seu modo de ser a humanidade também consiga resgatar a “in-nocência original”, isto é, um modo de ser que não seja ofensivo a nenhuma criatura e dessa nova harmonia na justiça relacional germine a paz que também Francisco anunciava a toda a pessoa que encontrasse, cuja ressonância ainda pode ser ouvida no sempre novo modo de saudar: paz e bem.